

DESMUNDO: UMA ANÁLISE DA AMÉRICA POR DETRÁS DO FILME

DESMUNDO: AN ANALYSIS OF AMERICA BEHIND THE FILM

Mariana Cunha Fontes¹
Tatiana Aparecida Feitoza²

157

A AMÉRICA COLONIAL RETRATADA EM DESMUNDO

Do diretor Alain Fresnot, o filme *Desmundo*, lançado em 2003 é uma adaptação brasileira do romance *Desmundo*, publicado em 1996 por Ana Miranda. Com roteiro de Sabina Anzuategui e Produção Executiva de Van Fresnot, a obra narra a trajetória de jovens órfãs que são enviadas para o Brasil, em 1555, pela rainha de Portugal, para se casarem com colonizadores cristãos que habitavam a colônia e, assim, garantir uma descendência branca legítima.

Empregando um português arcaico (o qual os atores precisaram aprender), falado à época, línguas indígenas, e um cenário e vestuário característicos, a obra é altamente preocupada em ser fidedigna à realidade cotidiana colonial. Tal esforço foi recompensado quando ganhou o prêmio de melhor filme no Festival de Cinema Brasileiro de Paris, além de ter sido o segundo longa-metragem, mais premiado, no Grande Prêmio Cinema Brasil, nas categorias de Melhor Figurino, Melhor Maquiagem e a Melhor Direção de Arte.

O Filme retrata o Brasil no primeiro século de colonização, época em que a mão-de-obra usada nos engenhos era indígena. Explorando a realidade brasileira, um aspecto muito abordado pelo roteiro é o estranhamento que a personagem principal, Oribela – uma órfã enviada à colônia - tem em relação à vida no Novo Mundo. Esse estranhamento decorre das especificidades da sociedade colonial, as quais estavam associadas à compulsão ao trabalho e à produção para o mercado europeu e ao latifúndio, característicos das práticas colonizadoras da época. Desse modo, o espaço que deveria recriar o Reino, havia se transformado num “desmundo” para a protagonista.

Utilizando-se de uma narrativa linear, o filme aborda a questão do lugar da mulher, do trabalho escravo indígena e os interesses dos colonos, das autoridades régias e até mesmo da Companhia de Jesus, onde os interesses mercantis sobrepujam-se a questões religiosas; além de fazer uma breve referência a questão da antropofagia.

Apesar de trazer a questão indígena, retratada pelo trabalho escravo e pela falta de identidade dos nativos, os quais praticamente não possuem falas e, quando as têm, estas não são traduzidas, como se o que tivessem pra dizer não fosse relevante; o principal enfoque do filme é a questão da representação feminina, mais especificamente, sobre como as mulheres eram tratadas a época.

¹ Graduanda em história pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: mariana.fontes1@aluno.ufop.edu.br

² Graduanda em história pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: tatiana.ap.feitoza@gmail.com

Desmundo: Uma análise da América por detrás do filme

A história inicia-se em 1552, quando o padre Manoel da Nóbrega solicita ao rei de Portugal que envie, à América colonial portuguesa, “*órfãs de boa cepa ou, na falta destas, quaisquer outras mulheres brancas, para que os homens se casem e vivam em serviço de Nosso Senhor*”, pois a Igreja, movida pelo seu senso de moralidade, estava preocupada com o excesso de volúpia e sexualidade desenfreada dos portugueses, que geravam filhos com as indígenas. A coroa portuguesa tinha a intenção, com tal medida, de que os colonos enviados para o Brasil se casassem com mulheres de sua origem “branca e cristã” e, desse modo, diminuísse os relacionamentos com índias e negras e, conseqüentemente, a mestiçagem.

A história se desenrola a partir do encadeamento conseqüente das navegações, onde, a sociedade se via com grande número de viúvas e órfãs. Desse modo, quando o pai de uma jovem vinha a falecer, ela ficava em responsabilidade do Estado.

Desprovidas de proteção, ‘*frágeis e suscetíveis*’ ao pecado em sua ‘*natureza feminina*’, essas mulheres, necessitavam então, de *adestramento* e, buscando uma solução para tal cenário, foram criados, pela coroa, os recolhimentos que seguiam o modelo de conventos e mosteiros. Essas instituições eram destinadas a cuidar das adolescentes pobres e órfãs com o objetivo de evitar que elas se perdessem em pecados e fossem mal vistas aos olhos da Igreja Católica. Esperava-se ainda, que as mulheres recolhidas se tornassem virtuosas e devotas, mas, acima de tudo, esperava-se que aprendessem ser uma boa mãe e fossem educadas dentro da religião católica. No pensamento da época, era preciso preservar a fé católica e o alvor da pele.

Quando as órfãs alcançavam determinada idade, a coroa as enviava para os países colonizados para se casarem com os colonos. Elas eram submetidas às leis do Estado e da Igreja; sofriam com a submissão, estupro, humilhação entre outras violências. Sua educação era voltada para os afazeres domésticos; aprendiam a cozinhar, costurar, bordar e, aprendiam a ler e escrever somente para entender receitas e bilhetes.

Eram ainda atribuídos dotes a estas jovens para que fossem usados no casamento ou na profissão religiosa. A igreja, percebendo que ocorria uma queda da moral cristã na colônia, buscou no conceito divino de monogamia e família, baseando suas ações no direito canônico, meios de impor à sociedade colonial esses valores. E para garantir um modelo de família “perfeito”, coerente com o europeu, destinou mulheres órfãs ao novo território, onde a “demanda” por mulheres brancas era grande.

A mulher branca representava o ideal de pureza racial espiritual, tendo uma prole mais voltada ao santo e civilizado, em comparação com as gentias gerando miscigenados como os mamelucos, deixados soltos na terra. À coroa interessava a “limpeza de sangue” e a estratificação social de forma a criar uma classe branca dominadora das terras e do comércio e fiéis aos mandos da metrópole. Além de buscar o preenchimento demográfico no novo território. Desse modo, as relações de gênero serviram para a construção de estereótipos que estiveram presentes no cotidiano do período colonial e que, posteriormente, determinaram a maneira de ser da mulher brasileira. O filme trás, com forte estereotipação, a narrativa da

Desmundo: Uma análise da América por detrás do filme

nativa e a negra que contribuíam com o corpo e o trabalho, enquanto a mulher europeia trazia da metrópole o modo de viver e a maternidade.

As mulheres que vinham para este território, na maioria das vezes contrariadas, encontravam além dos desafios de uma nova terra, o destino que era determinado pela sociedade, juntamente com o poder político exercido pela igreja, de se casarem e constituírem uma família, segundo os princípios do catolicismo. Um dos principais destinos dessas mulheres era o Brasil, uma vez que, no início da colonização, este havia poucas mulheres brancas.

É neste contexto que insere-se o enredo do filme, no qual a própria Oribela - órfã levada ao Brasil para casar-se com um colono – narra sua história, em primeira pessoa. Utilizando-se dessa narrativa em off e cenas muito realistas, o filme aborda o lado bruto e cruel que a história de Oribela tem. As imagens pesadas e a música fúnebre são os principais recursos utilizados pelo diretor para explicitar as dores e angústias da garota, através de cenas melancólicas e revoltantes. Tal característica faz com que o filme prenda a atenção do espectador e o faça sentir tudo que a protagonista passa, tornando-se assim, um filme que mexe com o lado emocional.

Outro aspecto que contribuiu para criar essa sensação de dor e melancolia presente na trajetória de Oribela é a atuação de Simone Spoladore, a qual explora suas feições e olhares para dar realismo às cenas. Desse modo, mesmo com as informações sendo passadas de forma sutil e a história contando apenas com as vozes externas, conseguimos ter uma ideia do que se passava na mente da protagonista e, principalmente, quais demônios a atormentavam.

Apesar da sua narrativa linear, o filme se desenrola sem uma passagem de tempo explícita. De forma sumária, percebemos uma evolução temporal na história, entretanto não conseguimos identificar se passaram-se meses ou anos. Tal recurso torna o filme ainda mais melancólico, uma vez que abre a possibilidade de interpretação de que o sofrimento da garota não tenha um fim determinado.

O diretor faz ainda, com que logo no início do filme já tenhamos uma prévia do que se esperava para a garota. Com cenas mais escuras e tristes, vemos Oribela dentro da embarcação que a levava ao Brasil. Logo em seguida, de forma sumária, a história já parte para a chegada das órfãs às terras brasileiras, onde, logo de cara, já são oferecidas aos colonos.

Ao chegar ao Brasil, mesmo Oribela conseguindo escapar do primeiro pretendente, é forçada a se casar com o português Francisco de Albuquerque, esse que era um mercador e possuía terras e escravos e que, posteriormente, ira estupra-la, maltrata-la e agredi-la. Oribela, cada dia mais insatisfeita com a vida na colônia e com seu casamento, planeja todos os dias retornar a Portugal. Com a trajetória da protagonista, podemos ver que as mulheres eram tidas como inferiores e “escravas” dos homens.

Ao longo da história, Oribela empreende duas fugas na tentativa de se livrar dos constantes abusos sexuais, físicos e psicológicos que sofria do marido e, após sua segunda fuga, envolve-se com Ximeno, um mouro que lhe dá abrigo em sua casa. Na obra, Oribela representa a luta contra o sistema machista e opressor

Desmundo: Uma análise da América por detrás do filme

imposto às mulheres ao rejeitar seu primeiro pretendente, ao se recusar aceitar as investidas de Francisco e ao fugir dele mais de uma vez.

Mas, para além do drama de Oribela, há também, no romance, histórias de outras mulheres, com a de Dona Brites, sogra de Oribela, e a de dona Branca, senhora judia que fora enviada ao Brasil para cuidar das demais órfãs. Ambas as mulheres explicitavam a realidade social e o maior medo de Oribela: viver uma vida de submissão aos homens pelo resto de sua vida.

Segundo as regras sociais da época, essas mulheres, ao se casarem, ganhavam a decência imposta pela presença de um marido, como se, para tornarem-se dignas, fosse preciso ter a figura do homem em suas vidas. Essas mulheres eram consideradas um objeto de posse, prazer e de procriação dos seus maridos. Já para os homens, ter uma mulher europeia era um meio de preservar a “pureza” da “raça” e também provar-se perante a Deus ser um bom cristão.

Outro assunto explorado e que possibilitava tirar a mulher de seu estado de insignificância e a fortalecia socialmente era a maternidade. Elas encontravam na maternidade um caminho para um pouco de dignidade, satisfação pessoal e resistência. Confinadas ao espaço privado, buscavam em seus filhos forças para resistirem à solidão, sofrimentos e sensação de abandono.

A identidade feminina da época construía-se então debaixo de um cenário de violência e desumanização, onde as mulheres eram, majoritariamente, tratadas com desrespeito e submissão no “velho mundo”, sendo tomadas como posse pelo homem branco.

Percebemos na mulher e na terra uma metáfora, não apenas no sentido da exploração, mas também como meios de reprodução e produção. Como propriedades do homem branco, ambas eram controladas e abusadas por ele. Isso ocorria com um grande número existente de mulheres, fossem elas índias, negras, mestiças ou brancas.

Impregnava-se ainda, este imaginário colonial através de contos, versos, poemas. Assim, a literatura era um instrumento de reprodução a favor da hegemonia dominante que veiculava o status de ser branca e sua condição social privilegiada, ao mesmo tempo em que indicava a dificuldade das brancas empobrecidas manterem esse status da camada dominante. Esses contos preconceituosos refletiam também a luta entre mulheres de mundos e situação econômicas diferenciadas. A branca e a negra, e o fato de que, por alguns momentos, a dominada superava a dominante.

A América representada no filme retrata uma colônia habitada há mais tempo, onde não se têm as mesmas dificuldades que os primeiros viajantes encontraram. O próprio cenário já evidencia que alguns padrões já haviam se estabelecido, pequenas “cidades” já haviam se formado e os indígenas já não eram mais os inimigos ocultos; eles haviam sido dominados e escravizados para trabalhar nas fazendas e engenhos, dentre outros afazeres.

Apesar do esforço da coroa em enviar homens e mulheres à colônia, com o objetivo de reproduzir a vida portuguesa na Colônia, percebe-se a difícil tarefa de “educar” na nova sociedade. Por se encontrarem distantes da coroa, estes eram muito mais suscetíveis à desobediência e desvirtuação. O filme explora essa

Desmundo: Uma análise da América por detrás do filme

mudança no caráter de forma bem explícita, ao montar uma cena em que o próprio padre discute com Francisco, marido de Oribela, pela guarda de crianças indígenas, nas quais estas são tratadas como objetos.

De forma sutil, o drama ilustra todas as mazelas da sociedade da época e explora, principalmente, a questão da violência e da sexualidade. Representado pela figura de Francisco, o filme explicita como um homem europeu na colônia torna-se ainda mais rude, ignorante e perverso. Desse modo, mais um estereótipo é abordado no filme: que o Novo Mundo é o lugar do pecado, onde bons cristãos se afastam dos mandamentos divinos.

Entretanto, ao analisar tais fatos, percebemos, nas entrelinhas, que a sociedade portuguesa era regida por uma falsa moralidade, onde a religião e as ordens reais só eram seguidas se fossem em detrimento da própria vontade, se fosse beneficiá-los.

Apesar das inúmeras diferenças com as demais representações sobre América colonial, geralmente abordadas no cinema, “Desmundo” retoma importantes discussões. A questão do imaginário de uma terra inexplorada e sem dono é uma destas. Assim como Oribela representaria a questão de gênero por detrás da sociedade colonial, a figura de Francisco representaria, desse modo, a discussão sobre terra e posse de indígenas.

Movido por um sentimento de dominação, tão característico aos colonizadores que vêm à América, Francisco era aquele que não temia as forças da natureza, as diferenças de latitude; seu pensamento era somente explorar e aumentar suas posses.

Assim como o imaginário europeu da época, Francisco não reconhece os indígenas como povos pertencentes daquele ambiente. Para ele, a falta de instrumentos que demarcavam aquele local, significava que o território era inexplorado e, desse modo, ele poderia tomar como sua, qualquer terra que alcançasse. Essa visão fica explícita, quando, ao bater de frente com padre (e com a igreja, conseqüentemente) e ser indagado pela mãe sobre as conseqüências de tal ato, ele não demonstra a menor preocupação, uma vez que, em sua concepção, na pior das hipóteses eles poderiam “*adentrar ainda mais pelo sertão*”.

Com isso, outro estereótipo disseminado pela figura do personagem é o pensamento que os indígenas eram parte da natureza, não os reconhecendo como homens de cultura própria e como capazes de viver em sociedade, uma vez que, para o pensamento da época, nada que fugisse do padrão europeu era considerado humanamente civilizado.

Nesta conjuntura, a igreja insere-se, nesta sociedade, como esta mão reguladora da moral e dos costumes cristãos, com o objetivo de manter os ideais europeus e de levar à palavra de Deus e civilização aos “*selvagens*”.

Entretanto, assim como o restante da sociedade, ao estar longe da metrópole, ela se afasta da rigidez empregada pelo papado. A igreja é retratada no filme de forma dúbia. Ao mesmo tempo em que prega a catequização e proteção das almas dos nativos, ela briga pelas crianças indígenas como se fossem objetos, além de se calar diante à escravização presente na sociedade.

Desmundo: Uma análise da América por detrás do filme

Devido sua relação com o estado, a igreja católica possuía poder para exercer disciplina social, e disseminar um padrão de moralidade. Além destes aspectos, a igreja exercia certas funções administrativas, como, por exemplo, o registro de nascimentos, óbitos e casamentos. Tal poder justificava, desse modo, a “responsabilidade” de trazer as órfãs para se casarem com os colonos.

Já no que tange à representação dos indígenas, o filme, talvez por descuido, ou talvez propositalmente para exemplificar as relações sociais da época, retrata-os sempre de forma secundária, onde eles aparecem somente às margens da sociedade.

Majoritariamente sem direito à falas, os nativos são tratados como objetos/posse dos colonos. Os homens aparecem sempre trabalhando e as mulheres, quando não estavam desempenhando nenhum serviço doméstico, aparecem como objetos sexuais.

No início do filme, o único momento em que é dada voz a eles, esta não é traduzida, apenas uma pessoa em todo o grupo sabe se comunicar e faz essa ponte entre nativos e colonos. É nesse momento ainda que se perpassa a questão da antropofagia, onde os indígenas reclamam que, após a chegada dos colonos, eles quase não estavam se alimentando mais dos seus inimigos. Neste momento outra visão dos indígenas aparece: a de infantis e ingênuos, onde, um europeu aborda o fato de que estes não estão mais querendo trocar seus prisioneiros por bugigangas, como sempre haviam feito.

Na cena em questão, toda fala indígena é ignorada, um determinado colono manda-os embora e então chama as órfãs para dar início à escolha de maridos para elas. Essas e outras ações ao longo da trama mostram como os europeus não tinham senso de alteridade e não se interessavam em aprender com o outro. A única relação que tinham com os indígenas era de dominação e exploração, seja do trabalho físico seja do corpo das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ganhar várias premiações, *Desmundo* não foi tão aclamado pelo público, de forma geral. Diferente das histórias floreadas por Hollywood, este possui uma cadência lenta, a qual não glorifica nem enfeita a parte histórica da trama. Para além do lado estético, o filme leva o espectador a problematizar questões que envolvem o início do processo civilizatório brasileiro.

Desse modo, *Desmundo*, apesar do artificialismo cinematográfico, nos traz reflexões que possibilitam a superação de um ingênuo deslumbramento que ainda está presente em boa parte do imaginário comum sobre este período histórico. Seja pela forma como os colonizadores – homens brancos – tratam as demais pessoas, principalmente, as mulheres e indígenas; seja pela forma como a igreja é retratada para além do estereótipo de detentora de santidade.

O filme permite ainda, disseminar uma análise que esteja mais próxima aos fatos históricos e que, por pertencer ao campo da estética, consiga atravessar os muros da academia. Em última instância, *Desmundo* permite que uma reflexão histórica sobre a América colonial e o entretenimento estejam presentes

**Desmundo:
Uma análise da América por detrás do filme**

em um mesmo cenário e produzam resultados significativos para o desenvolvimento da percepção acerca de tais acontecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANÁLISE Estrutural do Filme “Desmundo”. In: Salto sem Rede. 14 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://saltosemrede.wordpress.com/2013/09/14/analise-estrutural-do-filme-desmundo/>>. Acesso em 22/11/2019;

DESMUNDO (Ana Miranda): o lado das mulheres. In: Youtube. 6 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HT79DDs74To>>. Acesso em 22/11/2019;

DESMUNDO. Direção: Alain Fresnot, Produção: Alain Fresnot ; Van Fresnot. São Paulo. 2003. Disponível em: <https://youtu.be/oxQe_BeRba0>. Acesso em: 20/11/2019;

DOMINGUES, Joelza Ester. “**Desmundo, o Brasil do séc. XVI.**” In: Ensinar História. 2015. Disponível em: <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/desmundo-o-brasil-do-sec-xvi/>>. Acesso em: 20/11/2019;

UBER, Beatrice & FLECK, F. Gilmei. “**As ‘órfãs da rainha’ Em Desmundo(1996): do discurso histórico para o ficcional**”. 2017, Vol. 8, n°2;

NEVES, M. Fatima. “**O filme ‘Desmundo’, a História e a Educação**”. São Leopoldo, 2007.

Texto recebido em: 17/02/2020
Texto aprovado em: 08/04/2020